

<https://medium.com/@premioabapa/andando-nas-nuvens-d4d63d129c8d>

Andando nas nuvens

Como a produção de algodão do oeste baiano mobiliza a população através de tradição, oportunidade e educação

Por Luiza Santos Gonçalves

Ao entrar na lavoura, o mar branco briga por beleza com céu e as “nuvens terrestres” dominam o horizonte. A imensidão orgânica da fazenda Santo Antônio, do grupo Ceolin, no município de São Desidério costuma impactar os recém chegados. “Outra realidade! Quando eu cheguei foi uma surpresa, eu não sei se todo mundo aqui conhece algodão, mas eu imagino que tenha sido a mesma sensação que eu tive ao ver tudo isso. A diferença, as máquinas, o campo”, conta Marcelo Andrade. Originário do Espírito Santo, o agrônomo está há quatro anos na Bahia e atua como gerente de irrigações no grupo, residente na cidade que é [líder em produção agrícola](#).

O algodão chegou ao oeste baiano no final da década de 90 após a crise do bicudo-do-algodoeiro que devastou a plantação inicialmente desenvolvida no sudeste do país. Em pouco mais de 20 anos, o estado tornou-se o segundo maior produtor nacional, tendo um Valor Bruto da Produção de mais de 9 bilhões de reais em 2022, de acordo com dados da Associação Baiana de Produtores do Algodão (Abapa). Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, São Desidério, Jaborandi, Correntina: cidades redesenhadas pelo algodão que mobilizam pessoas, fomentam a educação e ressignificam a cultura local.



Fazenda Santo Antônio, Grupo Ceolin — Foto: Reprodução/Abapa

Impacto da Terra

Num ciclo de aproximadamente 180 dias — desde o plantio até a colheita — a produção do ouro branco ultrapassa a região oeste, conectando trajetórias da Bahia e do Brasil. Com o clima favorável aliado ao emprego de alta tecnologia a cadeia de pluma ao grão é rica em aproveitamento: tecido, ração, óleo, combustível e linter são oriundos da extração da planta.

A cultura do algodão enche os olhos daqueles que estão nela. Martin Nascimento Carvalho, gestor e gerente agrícola, trabalha há 14 anos com algodão. Nascido em Guanambi, seu contato primário com a planta foi na agricultura familiar com seu pai. Contudo, Marcos afirma ter se apaixonado pela lavoura quando veio trabalhar na área, inicialmente no controle de pragas e logo seu sonho se tornou monitorar o algodão.

“Quando tu chega no oeste da Bahia, tu vê essa dimensão de área, ninguém fala de 300, é 1.000, 2.000, 10.000 hectares de algodão. Tem grupos grandes que plantam 50 mil hectares, então você fica impressionado. Depois a gente acaba se acostumando, se adaptando ao ambiente e se modernizando também. Para nós o algodão é de extrema importância, quem planta algodão não sai do algodão, é uma cultura que encanta! Que traz pessoas, emprega famílias e agrega muito valor.”

Rubens de Sá, salienta que a produção é sinônimo de tradição, mas também de modernidade. Na vida do técnico agrícola mineiro, o algodão vem da época de seus pais que eram produtores da commodity. Hoje, trabalhando com a Tecelagem Santa Clara há mais de 15 anos em Luís Eduardo Magalhães, acredita que um dos maiores impactos do algodão está na possibilidade de geração de valor e renda na vida das pessoas. Cita com orgulho a constante mudança no quadro de funcionários, que aos poucos deixam a empresa para trilhar seus próprios caminhos com os fios: “Fico feliz que as pessoas cresçam assim como eu cresci. Eu era trabalhador e fui estudar com muita dificuldade. É preciso acreditar e crer nas coisas.”



Rubens de Sá, proprietário da Tecelagem Santa Clara — Foto: Reprodução/Abapa

Além das fronteiras

A produção de algodão no oeste baiano tem proporcionado oportunidade de trabalho desde seu plantio a comercialização, gerando fluxo entre os municípios baianos. Alguns empregos são temporários como no caso da Zanotto Cotton. De acordo com dados da direção da usina de beneficiamento, atualmente o quadro de funcionários é de aproximadamente 45 colaboradores, sendo 12 funcionários fixos e o restante safristas. A maior parte deles é da região de Rio de Contas, a 800 km de Luís Eduardo Magalhães e já trabalham na empresa há mais de 10 anos.

Claudia Souza, analista de RH da Icofort Agroindustrial, afirma que o mesmo acontece por lá. Na empresa produtora de óleos e rações animais vindos da semente do algodão, cerca de 90% da mão de obra empregada são das cidades circunvizinhas. Vinda de Xique-Xique, localizada no sudoeste baiano, a própria Claudia iniciou sua vida profissional ao chegar no oeste, inicialmente trabalhando na Abapa, como auxiliar administrativa e classificadora de algodão.

Victor Ramos foi mais uma das pessoas que cruzou o estado e se estabeleceu dentro da fábrica de subprodutos de algodão. O analista de produção da Icofort, relata que saiu de Santo Antônio de Jesus, recôncavo baiano, atrás de oportunidade de emprego, na época com 18 anos. “Eu tinha acabado de sair do ensino médio e decidi vir para a cidade por conta de um tio que morava aqui. Na Icofort eu tive meu primeiro emprego, entrei em 2011 como auxiliar de almoxarifado, depois fui assistente de produção. O trabalho na empresa me incentivou a entrar na faculdade, no curso de Engenharia de Produção. Hoje estou no 8º período e sou analista de produção.”



Analista de Produção, Victor Ramos apresenta Icofort para estudantes de Salvador — Foto: Reprodução/Abapa

Educação e Investimento

No eixo do algodão, cidades como Barreiras e Luís Eduardo Magalhães tornam-se centros referenciais que têm como ponto forte a educação interseccionada pela produção agrícola. Em Barreiras, por exemplo, estão dispostas mais de 10 instituições de ensino superior e todas possuem cursos voltados para a área. Além de graduação, também são ofertados cursos técnicos em unidades do Sebrae e Senac, atraindo estudantes de toda a região, como relata Magna Xavier, integrante do setor de Marketing da Abapa:

“Desde que eu iniciei meus estudos estava imersa na área. Fiz um curso técnico em agropecuária quando eu era mais nova e a partir disso eu comecei a viver essa relação. Depois eu fiz administração, trabalhei em escritório de fazendas, sempre nesse campo e acabei indo trabalhar na Abapa. Lá [Barreiras] é um polo universitário enorme. O pessoal

faz muito agronomia, mas também acabam inserindo as outras áreas na lógica do agro, como é o caso de ADM, direito, engenharia e outras.”

Criada nos anos 2000, a Abapa surge com o objetivo de reunir os produtores de algodão da Bahia. A associação, que possui unidades em Barreiras, Luís Eduardo Magalhães e Correntina, tem como um de seus principais ramos de atuação a educação e capacitação de profissionais que trabalham com o algodão. Em seu Centro de treinamento e tecnologia, inaugurado em 2010, mais de 66.000 pessoas já foram beneficiadas em cursos, oficinas e projetos.

“O algodão movimenta toda a região, então ele é um grande precursor na área de empregos e na área financeira da região. A soja é o carro chefe, mas o algodão tem mais valor agregado e demanda mais mão de obra, e cada vez mais mão de obra tecnicizada. Isso faz com que toda região evolua, inclusive faz com que a própria cultura da soja começa a ganhar mais, porque a tecnificação dos profissionais que produzem algodão faz com que ela também absorva e tenha ganhos nessa parte técnica, porque hoje todo produtor de algodão é produtor de soja, ele tem que fazer as rotações. Isso é um impacto muito positivo para a região”, conclui Sérgio Alberto Bretão, pesquisador e responsável pelo Laboratório de Análise de Fibras da Abapa.